

Isaque Samuel Facó



Centro Universitário Católica de
Quixadá, UNICATÓLICA, Brasil
isaque.samuel9@gmail.com

Me. Marlene Gomes Guerreiro



Centro Universitário Católica de
Quixadá, UNICATÓLICA, Brasil
marleneguerreiro@unicatolicaquixada.edu.br

Me. Cândida Maria Farias Câmara



Universidade Estadual do Ceará,
UECE, Brasil
candidapsicologia@gmail.com

Dr.ª Cecilia Rosa Lacerda



Universidade Estadual do Ceará,
UECE, Brasil
cecilia.lacerda@uece.br

Submetido em: 21/09/2022

Aceito em: 13/12/2022

Publicado em: 28/02/2023



10.25190/rec.v11i2.79

DEPRESSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

RESUMO

A depressão é um dos maiores problemas enfrentados pela saúde global, causando um grande impacto na vida das pessoas e de seus familiares, trazendo consigo uma elevada demanda dos serviços de saúde. O presente trabalho expõe sobre a depressão no ambiente escolar, voltando-se para a compreensão do transtorno em estudantes adolescentes e como a escola tem se posicionado frente a esse problema. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e o método utilizado para a coleta de dados deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Foram utilizados como fontes de pesquisa livros e artigos que apresentassem em sua discussão considerações sobre a depressão dentro do ambiente escolar. Desse modo, serão apresentados dados qualitativos e quantitativos encontrados na literatura sobre a depressão dentro do contexto educacional, as principais causas e como o transtorno afeta o desempenho escolar. Os resultados obtidos através da análise da literatura sobre o tema, mostrou a prevalência de sintomas depressivos em adolescentes do sexo feminino e masculino em idade escolar, observou-se também que existem vários fatores ligados a depressão, como pressão por conta da sua vida escolar, preocupação com relação ao futuro e conflitos familiares, prejudicando assim seu desempenho na escola, além disso, foi possível perceber também a dificuldade dos professores em diferenciar comportamentos depressivos de dificuldades escolares como falta de concentração e que os mesmos não possuem preparo para intervir de forma eficaz diante de um aluno depressivo.

Palavras-chave: Depressão. Ambiente Escolar. Saúde Mental.

DEPRESSION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A BIBLIOGRAPHIC STUDY

ABSTRACT

Depression is one of the biggest problems faced by global health, causing a great impact on people's lives and their families, bringing with it a high demand for health services. The present work exposes depression in the school environment, focusing on the understanding of the disorder in adolescent students and how the school has positioned itself in face of this problem. This is a qualitative research and the method used to collect data for this study was bibliographic research. Books and articles that presented in their discussion considerations about depression within the school environment were used as sources of research. Thus, qualitative and quantitative data found in the literature on depression within the educational context, the main causes, and how the disorder affects school performance going to be presented. The results obtained through the analysis of the literature on the subject showed the prevalence of depressive symptoms in female and male adolescents at school age. It was also observed that there are several factors linked to depression, such as pressure on account of their school life, concern about the future and family conflicts, thus impairing their performance at school. In addition, it was also possible to notice the teachers' difficulty in distinguishing depressive behaviors from school difficulties such as lack of concentration, and that they are not prepared to intervene effectively when faced with a depressed student.

Keywords: Depression. School Environment. Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

A depressão é um dos maiores problemas enfrentados pela saúde global, causando um grande impacto na vida das pessoas e de seus familiares, trazendo consigo uma elevada demanda dos serviços de saúde. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a doença mental atinge mais de 300 milhões de pessoas no mundo, sendo considerada a doença que mais gerará custos econômicos e sociais para os governos devido aos gastos com o tratamento da população. Quando não tratado, o transtorno depressivo traz uma redução da qualidade de vida e um maior risco de suicídio, além de trazer uma piora clínica sobre as doenças clínicas já existentes no indivíduo (SILVA, 2021).

De modo geral, a depressão é resultante de uma inibição geral da pessoa, onde a função mental é afetada a ponto de causar uma distorção na maneira como essa pessoa vê o mundo, percebe a realidade, compreende as coisas e demonstra emoções. Podemos entender que a depressão se caracteriza como um transtorno de humor que abrange não só fatores cognitivos e emocionais, mas também aspectos comportamentais, fisiológicos, religiosos, sociais, econômicos entre outros (DAMIÃO *et al.*, 2011).

Durante muito tempo, a depressão fora considerada uma doença apenas de adultos, deixando de fora a população infantil e adolescente. Hoje, sabe-se que a adolescência é um período marcado por mudanças e transições que afetam os aspectos sexuais, físicos e cognitivos, sendo considerada uma fase de reorganização emocional, sendo um período vulnerável para a instalação da sintomatologia depressiva. Dessa forma, os adolescentes passam a conviver com várias situações novas, como transformações físicas e pressões sociais, assim, essas condições favorecem mudanças no comportamento e flutuações do humor (DAMIÃO *et al.*, 2011).

Nestes últimos anos, podemos perceber situações no contexto escolar que são caracterizadas como fatores de risco para a saúde mental. Muitos são os jovens que são acometidos pelos mais adversos tipos de transtornos mentais, isso se reflete de forma negativa no baixo rendimento escolar, abandono dos estudos entre outros problemas. Assim, o número de alunos que tem apresentado algum tipo de problema de ordem comportamental e emocional tem crescido nos últimos anos (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

A Psicologia escolar busca a compreensão, o aperfeiçoamento e a implementação dos seus conhecimentos dentro do campo educacional, utilizando-se de seus instrumentos científicos para formular sistemas de ensino, métodos e teoria acerca da aprendizagem. A psicologia escolar procura fazer uma investigação sobre a forma como as pessoas pensam, o que fazem e o que sentem quando estão envolvidas no processo educativo dentro do ambiente escolar. Assim, sua contribuição à educação está pautada no desenvolvimento de estratégias, estruturação do currículo, elaboração de materiais e didáticas de ensino dentre outros meios, a fim de trabalhar com os alunos que possuem algum problema de ordem psíquica (GALVÃO *et al.*, 2019).

Desse modo, este trabalho tem como objetivo compreender sobre a depressão dentro do contexto escolar, mais precisamente em alunos, entender como a escola tem enfrentado esse problema e quais as possíveis estratégias que podem ser utilizadas como ferramentas interventivas de promoção à saúde mental dentro desse ambiente escolar. Para atingir esses objetivos, foram utilizados como fonte de dados livros e artigos científicos onde foi realizada uma análise descritiva.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ADOLESCÊNCIA E DEPRESSÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é caracterizada pelo período da vida onde surgem as características sexuais e se desenvolvem os processos psicológicos que evoluem desde a infância até a fase adulta. É considerada adolescência o período de 10 a 19 anos, diferencia-se da fase inicial entre 10 e 14 anos de idade e da fase final entre 15 a 19 anos. A adolescência normalmente é marcada por intensas modificações no desenvolvimento humano, pelas alterações biológicas da puberdade e também pela maturidade biopsicossocial do indivíduo. Dessa forma, a adolescência geralmente é identificada como um período de crise, pois o indivíduo passará por experiências, transformações mentais e orgânicas importantes, podendo proporcionar mudanças no comportamento (JATOBÁ; BASTOS, 2007).

A depressão é um dos maiores problemas enfrentados pela saúde global, causando um grande impacto na vida das pessoas e de seus familiares, trazendo consigo uma elevada demanda dos serviços de saúde. Segundo a OMS, a doença mental atinge mais de 300 milhões de pessoas no mundo, sendo considerada a doença que mais gerará custos econômicos e sociais para os governos devido aos gastos com o tratamento da população (SILVA, 2021).

Silva (2021) aponta ainda que quando não tratado, o transtorno depressivo traz uma redução da qualidade de vida e um maior risco de suicídio, além de trazer uma piora clínica sobre as doenças clínicas já existentes no indivíduo.

Durante muito tempo, a depressão fora considerada uma doença de apenas de adultos, deixando de fora a população infantil e adolescente. Hoje se sabe que a adolescência é um período marcado por mudanças e transições que afetam os aspectos sexuais, físicos e cognitivos, sendo considerada uma fase de reorganização emocional, sendo um período vulnerável para a instalação da sintomatologia depressiva. Dessa forma, os adolescentes passam a conviver com várias situações novas, como transformações físicas e pressões sociais, assim, essas condições favorecem mudanças no comportamento e flutuações do humor (DAMIÃO *et al.*, 2011).

A depressão em pessoas em adolescentes não se manifesta apenas como tristeza, mas pode ser percebida com o aumento da irritabilidade, tédio ou incapacidade para experimentar o prazer. Assim, uma das razões que é preciso levar a sério com relação à depressão é o risco de suicídio, meninas adolescentes estão mais propensas a ficar deprimidas que os meninos, essa diferença pode ser explicada pelas alterações biológicas na puberdade, pois alguns estudos relacionam o avanço da puberdade com os sintomas depressivos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

2.2 ADOLESCÊNCIA E O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Estanislau e Bressan (2014) afirmam que nos últimos anos vários prejuízos causados por problemas de ordem mental têm sido identificados dentro do ambiente escolar. Muitos jovens que são acometidos por transtornos mentais têm apresentado com maior frequência baixo rendimento escolar, desistência entre outros problemas, dessa forma, a demanda de alunos que tem apresentado algum tipo de problema emocional e comportamental tem crescido nos últimos anos.

Diante desse contexto, podemos observar que a ausência de informações confiáveis em conjunto com a falta de uma orientação especializada vem causando a insegurança, contribuindo assim para que o professor tenha uma visão equivocada, e assim, passando a considerar transtorno mental aquilo que não é. Sendo assim, a escola possui um papel fundamental no que diz respeito a identificar precocemente jovens com depressão, pois os educadores possuem experiência e várias oportunidades para poderem perceber mudanças no comportamento de seus alunos, sendo possível assim identificar prováveis problemas de transtornos nas fases iniciais, até mesmo antes da percepção da própria família (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Além disso, o sistema escolar tem sido identificado pela literatura em saúde mental como estratégico e excepcional no que diz respeito à prática de políticas de saúde pública para jovens, destacando-o como o principal núcleo de promoção e prevenção de saúde mental de crianças e adolescentes, operando no desenvolvimento à proteção e redução de riscos ligados à saúde mental, pois a escola concentra durante grande parte do dia em seu ambiente uma parte da população de jovens do país. As escolas também possuem maior acessibilidade à população que os serviços de saúde mental, dessa forma, podem propiciar intervenções com menos estigma alunos e familiares (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

2.3 REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE E PSICOLOGIA ESCOLAR

A comunidade internacional preocupada com os grandes prejuízos relacionados aos transtornos mentais nos últimos anos, passou a exaltar a necessidade de intervenções voltadas para o ambiente escolar. Dessa forma, a Comissão Europeia através de um pronunciamento chamado Pacto Europeu para a Saúde Mental e o Bem-estar, determinou como urgente a inclusão de forma estratégica da saúde mental nas atividades curriculares e extracurriculares das escolas, além de sensibilizar e os profissionais de saúde e da educação para o tema (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Em determinados países, a integração de forma organizada entre os sistemas de saúde e de educação culminou na implantação de serviços de saúde mental no ambiente escolar. Desse modo, nesses locais, a abordagem associada entre educadores e profissionais de saúde mental trouxe benefícios a comunidade com ambientes escolares que promovem a saúde e resolvem problemas dentro do contexto escolar, diminuindo assim a demanda pelos serviços especializados. No Brasil, infelizmente essa intersectorialidade ainda é difícil por conta de vários fatores, sendo a falta de diálogo um dos principais, pois tem sido cada vez mais crescente o número de encaminhamentos precipitados de vários jovens com problemas de aprendizagem para a rede de saúde. Dessa forma, programas visando a avaliação e detecção precoce poderia mudar o curso desses cenários de forma a evitar o desenvolvimento ou amenizar sua intensidade (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Segundo o artigo 36, parágrafo 5º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), os currículos do ensino médio devem considerar a formação integral do aluno, adotando assim um trabalho voltado também para a sua formação no que diz respeito aos aspectos cognitivos e socioemocionais. Dessa forma, é possível observar uma abertura à implementação de estratégias de promoção e prevenção em saúde mental, as quais podem contemplar os mencionados aspectos cognitivos e socioemocionais. As ações de promoção e prevenção vêm demonstrando resultados positivos e benefícios associados, como a redução de custos com o tratamento remediativo, bem como a identificação precoce de transtornos mentais e a possibilidade de êxito através de intervenções simples. (FARIA; RODRIGUES, 2020)

Desse modo, é possível observar o vínculo entre a psicologia e a educação, na medida em que psicologia pode contribuir no processo educativo, mediando os processos de desenvolvimento humano e de aprendizagem, contribuindo para a sua promoção (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2009).

A Psicologia escolar busca a compreensão, o aperfeiçoamento e a implementação do conhecimento da psicologia dentro do campo educacional, utilizando-se de seus instrumentos científicos para formular sistemas de ensino, métodos e teoria acerca da aprendizagem. A psicologia escolar procura fazer uma investigação sobre a forma como as pessoas pensam, o que fazer e o que sentem quando estão envolvidas no processo educativo dentro do ambiente escolar. Assim, sua contribuição à educação está pautada no desenvolvimento de estratégias, estruturação do currículo, elaboração de materiais e didáticas de ensino dentre outros meios, a fim de trabalhar com os alunos que possuem algum problema de ordem psíquica (GALVÃO *et al.*, 2019).

O psicólogo escolar trabalha de maneira preventiva, prestando atendimento não apenas unicamente para os alunos, mas também para pais, professores e demais funcionários da escola, a fim de promover o bem-estar social. Dessa forma, este profissional irá interagir em conjunto ao educando para desenvolver ações educativas que possam promover a saúde mental dentro do ambiente escolar. O psicólogo escolar poderá trabalhar em conjunto com outros profissionais, a fim de intervir no planejamento e nas práticas educacionais, elaborando com eles o projeto político pedagógico da escola. As possibilidades de intervenção dentro do ambiente escolar podem ser várias, como: fazer entrevistas com os pais dos alunos para dessa forma colher dados que sejam relevantes para que possam trabalhar as dificuldades existentes e buscar as estratégias de intervenção (GALVÃO *et al.*, 2019).

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que tem como objetivo fazer uma análise descritiva a respeito da depressão dentro do ambiente escolar. O método utilizado para a coleta de dados deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Para a realização da pesquisa foram seguidos os seguintes passos: a busca da literatura, base de dados, aplicação dos critérios definidos para a seleção da bibliografia, a avaliação e a análise dos dados obtidos.

A coleta de dados ocorreu no período entre os meses de maio e junho de 2022 e foram utilizados como fontes de pesquisa livros e artigos científicos publicados em português nos últimos 05 anos e que apresentassem em sua discussão considerações sobre a depressão dentro do ambiente escolar e sua fonte de pesquisa de deu através de bases de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online), Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e Google Acadêmico.

4 RESULTADOS

Os sintomas da depressão costumam ser diferentes durante a adolescência, dessa forma, o adolescente com depressão não apresenta sempre o estado triste, pois o principal sintoma durante esse período é se mostrar irritável e instável, acompanhado de possíveis crises de explosão e raiva, podendo apresentar também perda de energia, apatia, sentimento de desesperança, distúrbio do sono, culpa, isolamento e dificuldade de concentração. Esse quadro pode se agravar ainda mais com o uso abusivo de álcool e drogas, prática comum na adolescência.

Com relação ao sexo, existe uma diferença entre a depressão encontrada no sexo feminino e no sexo masculino. As meninas costumam apresentar sintomas de tristeza, vazio, tédio, ansiedade e raiva, tudo isso relacionado a preocupação com a insatisfação com a aparência, popularidade e ter de se comportar conforme as regras éticas da sociedade. Já os meninos apresentam sentimentos de desprezo, desafio, falta de conduta com relação as aulas, fugas de casa, violência, roubos e uso de substâncias (AZAMBUJA; ZWIRTES, 2017).

Uma pesquisa realizada no Colégio Tiradentes da Brigada Militar de Ijuí no Rio Grande do sul, buscou saber em termos estatísticos quantos alunos estão ou já estiveram depressivos, dessa forma, Azambuja e Zwirtes (2017, p. 02) relatam que:

De uma amostra de 192 alunos, foi retirada a porcentagem de 8,3% de alunos que possuem a doença diagnosticada mais 22,39% que acreditam ter a doença, mas não buscaram um psicólogo ou psiquiatra para um diagnóstico e conseqüentemente um tratamento. De 47 alunos, 17,02% dos adolescentes tiveram sua primeira crise de depressão antes de iniciar o ensino médio, porém 76,59% desenvolveram o quadro após o início desta fase. Listadas nos questionários como principais agravadores dos sintomas estão a exigência do estudo, as relações familiares, a pressão com as avaliações e a proximidade e pressão do vestibular.

Ademais, quando questionados sobre possível suicídio como uma solução aos seus problemas, dentre os que tem depressão diagnosticada 81,25% apresentaram ideação suicida, dentre os que acham que tem depressão, a taxa foi de 53,48%, e dentre os que não possuem a doença, 15,94% relataram já ter pensado em suicídio. No geral, dentre todos os alunos que participaram do questionário, 30% relatam que em algum momento já pensaram no suicídio como uma alternativa para escapar de seus problemas (AZAMBUJA; ZWIRTES, 2017).

Desse modo, através da análise dos dados, foi possível concluir que dentre as principais causas da depressão nos adolescentes participantes da pesquisa estão a pressão que eles sofrem por conta da sua vida escolar, preocupação com relação ao futuro e conflitos familiares, agravando assim os problemas de desempenho e relacionamentos no colégio, fazendo com que percam a concentração durante as aulas (AZAMBUJA; ZWIRTES, 2017).

Sobre os dados encontrados na literatura sobre a depressão dentro do ambiente escolar Baptista *et al.* (2006, p. 100) cita que:

Em um estudo epidemiológico realizado por Bahls (2002b), em uma escola pública com 463 estudantes do Ensino Fundamental e Médio, com faixa etária entre 10 e 17 anos, verificou-se que 20,3% dos participantes apresentaram sintomas depressivos significativos, conforme avaliado pelo Inventário de Depressão Infantil (CDI). Houve diferença significativa entre os sintomas em relação ao gênero, com maior prevalência em meninas (72,3 %) e provável pico de sintomas entre 12 e 15 anos. O estudo de Barbosa, Dias, Gaião e Lourenzo (1996) mostrou uma incidência semelhante. Foram avaliados 807 alunos de escolas da Paraíba, com idades entre 7 e 17 anos, também por intermédio do CDI, sendo que 22% deles apresentaram sintomatologia depressiva.

Além disso, Baptista *et al.* (2006) afirma que uma pesquisa que avaliou a depressão em adolescentes utilizando o Inventário de Depressão de Beck (BDI), foram encontradas uma porcentagem maior de meninas com sintomas depressivos nas três classificações, leve, moderada e grave, (respectivamente 11,2%, 9,0% e 2,1%), quando comparadas aos meninos (5,9 %, 4,7 % e 1,5 %).

A depressão faz com que os adolescentes se afastem da escola, cheguem atrasados, causa problemas de comportamento e conduta, isolamento social, aumenta o risco de suicídio, abuso de substâncias, causa uma redução do interesse pelos estudos, baixa motivação na participação em atividades, prejudica os processos cognitivos da atenção e concentração, incluindo leitura, aritmética e redação, afetando o desempenho escolar como um todo. Portanto, o aumento dos níveis de depressão correlaciona-se com uma redução do desempenho escolar em línguas e matemática. Ademais, no Exame nacional do Ensino Médio (ENEM) do ano de 2005, no que diz respeito às questões objetivas, 60,2% dos alunos participantes obtiveram desempenho insuficiente e regular, 34,9% regular e bom e apenas 4,9% obtiveram resultados bom a excelente (BAPTISTA *et al.*, 2006).

Outra pesquisa tendo como base o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) compartilhada via internet e realizada através de um questionário de caráter qualitativo e quantitativo, com a finalidade de verificar se as práticas contidas no documento têm sido executadas dentro da escola, teve como participantes pessoas de faixa etária de 15 a 20 anos ou mais, sendo que 70 ainda cursam graduação, 20 já completaram o Ensino Médio e 77 ainda cursam o Ensino Médio (THEODORO; RICCI NETA, 2020).

Após a descrição acerca dos participantes da pesquisa Theodoro e Ricci Neta (2020, p. 06) trazem as perguntas e os resultados da seguinte maneira:

A primeira pergunta tratava sobre como os professores agiam e se conversavam com os alunos sobre o estado emocional deles. Segundo os dados coletados, 125 (67,9%) responderam que nenhum professor conversou com os alunos em relação ao estado emocional, enquanto 59 (32,1%) disseram que os professores procuravam saber o que os alunos estavam sentindo. A segunda pergunta, abordava o menosprezo por parte de funcionários da escola, professores, e se tal conduta atingia o aluno depressivo. Das 184 respostas, 112 (60,9%) eram positivas, que os funcionários menosprezavam os sentimentos dos alunos e 72 (39,1%) eram negativas.

Além disso, convém destacar também a questão do isolamento como uma característica da depressão, desse modo, cerca de 131 (71,2%) dos participantes da pesquisa afirmaram que durante o Ensino Médio se sentiram isolados e 53 (28,8%) responderam que não se sentiram assim. Sobre o *bullying*, foi perguntado se as escolas ofertavam algum tipo de apoio psicopedagógico e/ou psicológico para denunciarem as práticas de *bullying*, desse modo, 152 (82,6%) dos participantes afirmaram que não existe qualquer tipo de apoio psicológico ofertado pela escola e 32 (17,4%) afirmaram a presença de algum apoio. Além do mais, um fato a ser destacado diz respeito ao perfil dos participantes. Dos 184 que participaram da pesquisa, 124 (67,4%) estudaram ou estudam em escola pública e 60 (32,6%) do restante estudaram em escolas particulares (THEODORO; RICCI NETA, 2020).

Através da análise dos dados recolhidos, observa-se que o importante papel das escolas acerca da inclusão do debate sobre a depressão nas atividades do cotidiano dos alunos. Desse modo, é preciso estimular discussões para que surjam reflexões sobre o tema, não apenas nos alunos que sofrem da doença. Desse modo, é possível perceber que a visão alunos com depressão é desprezada pelos professores e funcionários da escola, já que eles não os conseguem interpretar corretamente e acabam distorcendo a visão dos alunos (THEODORO; RICCI NETA, 2020).

Desse modo, Cortez (2005) relata sobre a dificuldade que os professores encontram em diferenciar comportamentos depressivos de dificuldades escolares como falta de concentração e déficit no desempenho da aprendizagem. A escola supõe que o aluno desperte para o processo de aprendizagem e que o professor tem a responsabilidade de proporcionar situações que sejam estimuladoras para que o aluno possa atingir esse propósito. Dessa forma, a função do profissional da educação que convive com alunos com comportamento disfuncional é o de criar intervenções que diminuam os problemas emocionais e de aprendizagem, porém, essa exigência da imposta pela escola pode acarretar um alto nível de estresse aos professores e prejudicar as interações com os alunos. Ademais, os professores relatam que suas principais dificuldades em relacionar problemas escolares e problemas emocionais está relacionado ao fato de os mesmos não conseguirem fazer uma ligação entre o fracasso e o sofrimento psíquico.

Diante disso, percebe-se que os professores não possuem preparo para intervir de forma eficaz diante de um aluno depressivo, assim, se faz necessário um investimento qualitativo afim de capacitar e formar os professores com o objetivo de ajudá-los a lidar com os alunos que apresentam algum tipo de comportamento disfuncional, desse modo, a proposta seria de grande valia no que diz respeito a redução dos problemas enfrentados pelas escolas na atualidade (CORTEZ, 2005).

Ademais, Cortez (2005, p. 49) aponta para um planejamento estratégico dentro do ambiente escolar:

O planejamento de estratégias interventivas na escola, envolve a prevenção em três níveis específicos: a) *prevenção primária*, caracterizada pelo conjunto de ações que visam a redução de novos casos de problemas comportamentais, através de procedimentos psicoeducacionais; b) *prevenção secundária*, que envolve a redução da duração ou severidade dos problemas comportamentais, a fim de que as intervenções se deem tão logo sejam identificados os problemas; c) *prevenção terciária*, que incluem tentativas de redução das consequências a longo prazo dos problemas já estabelecidos.

Para Theodoro e Ricci Neta (2020) a inclusão deve ser um tema recorrente no ambiente escolar, tendo por finalidade buscar soluções para as pessoas com algum tipo de deficiência ou até mesmo para aqueles que sofrem algum tipo de discriminação serem inseridos na sociedade através do ensino regular, pois o papel da educação seria o de atingir todas as pessoas e transformar suas vidas e isso inclui aqueles com as mais diversas deficiências.

5 DISCUSSÕES

Com relação a saúde mental dentro do ambiente escolar, Souza e Rodrigues (2020, p. 09) apontam que:

[...] a escola tem sido considerada como um ambiente privilegiado para se implementar políticas de saúde pública para crianças e adolescentes, principalmente em questões relacionadas aos transtornos mentais, como a depressão e a ansiedade, através de atividades e projetos que visam promover o conhecimento e meios de prevenção acerca dessas doenças que tem se tornado cada vez mais comuns e presentes na vida desses jovens e nas escolas.

Ademais, cabe destacar que o professor possui um papel importante nesse processo, pois, é ele quem observa os alunos durante a maioria do tempo, podendo utilizar-se do currículo para elaborar temas relacionados à saúde mental e possui experiência com alunos de uma mesma faixa etária, o que lhe permite fazer uma análise do comportamento dos mesmos (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Para Souza e Rodrigues (2020, p. 07):

o professor é parte fundamental para a descoberta dos sintomas em seus alunos, pois é através da observação que o profissional vai perceber indícios de um comportamento inadequado, como a dificuldade de concentração, agressividade ou apatia, sinais facilmente confundidos com falta de interesse ou desdém por parte dos alunos.

Assim, é necessário que o professor esteja atento a quaisquer mudanças comportamentais em seus alunos, como o baixo rendimento escolar, isolamento social, relação com os colegas, pensamentos negativos, agressividade e pensamentos de inferioridade sobre si mesmos, porém, convém destacar que apesar da atitude do professor em querer identificar sinais de depressão nos alunos e tentar ajuda-los, não é a sua função diagnosticar seus alunos, pois ele não possui qualificação e formação necessárias para atingir a esta finalidade (SOUZA; RODRIGUES, 2020).

Dessa forma, o professor estaria em uma posição estratégica, permitindo observar sinais como irritabilidade, isolamento social e queda no rendimento escolar, porém, seria necessária uma capacitação afim de identificar sinais precoces de problemas mais específicos, como por exemplo, sintomas de ansiedade e depressão, pois estes poderiam ser mal interpretados como mau humor ou preguiça. Se o professor for bem informado, poderá atuar de forma eficaz na prevenção de transtornos, podendo por exemplo, ser capaz de identificar possíveis sinais que demandem encaminhamento para uma avaliação feita por uma equipe de saúde mental e dessa forma, contribuir para de forma positiva para uma intervenção precoce, trazendo resultados positivos (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014).

Além do mais, De Souza e Rodrigues (2020) afirmam que o ambiente escolar é um espaço que sugere a interação família-sociedade, tendo o professor como intercessor, para este fim, é indispensável que o professor esteja aberto a acolher qualquer tipo de aluno em sala de aula, compreendendo que cada um possui sua subjetividade. Desse modo, é importante que o profissional da educação possa estar se inovando e buscando atualizar seus conceitos, didática e suas maneiras de conviver com os discentes e suas dificuldades.

Além disso, Tomé *et al.* (2017) destaca a importância da implementação de programas de formação em saúde mental da infância e adolescência voltados a capacitação dos profissionais da educação, assim, a capacitação dos professores e de outros profissionais poderá preencher a lacuna e a dificuldade dos mesmos com relação à identificação precoce de problemas associados à saúde mental dos adolescentes e desse modo contribuir para a promoção à saúde mental nas escolas.

Na Austrália, foi realizada uma formação com professores de 7 escolas, com o propósito de ensiná-los sobre a saúde mental dos adolescentes. Assim, durante o processo de formação houve uma avaliação inicial e outra final e outra avaliação do impacto junto aos adolescentes. Os resultados apontaram que após a formação, o conhecimento dos professores a respeito de saúde mental aumentou, alguns aspectos vinculados ao estigma diminuíram e houve um aumento da confiança dos professores em ajudar colegas e alunos. Ademais, foram verificados efeitos indiretos nos adolescentes, que relataram que passaram a ter mais informações e conhecimento sobre a saúde mental vinda através dos professores e funcionários da escola (TOMÉ *et al.*, 2017).

Além disso, Tomé *et al.* (2017) relata ainda que houve uma formação na área da saúde mental para professores no Brasil, e foi visto que os conhecimentos dos professores sobre saúde mental foram expandidos

e que os mesmos foram capazes de identificar de forma precoce alguns sinais em seus alunos que apontavam para problemas de saúde mental.

Dessa forma, ao serem capazes de reconhecer nos adolescentes os sinais de problemas relacionados a saúde mental, os professores poderão buscar estratégias apropriadas, podendo assim realizarem encaminhamentos precocemente sempre que necessário para os serviços de apoio disponíveis. Assim, a intervenção ao longo do tempo junto à formação e supervisão, poderá contribuir para a mudança da cultura da escola, tornando mais fácil a continuidade e crescimento sustentável das ações e seu caráter multiplicador (TOMÉ *et al.*, 2017).

Portanto, convém destacar mais uma vez o importante papel da escola como sendo um ambiente propício para a implementação de estratégias de saúde mental e seus benefícios para o bem-estar emocional dos alunos:

As escolas são um contexto privilegiado para a criação de ambientes favoráveis à saúde. A promoção da saúde mental em escolas, quando implementada de forma eficaz, pode produzir benefícios a longo prazo para os jovens, incluindo o funcionamento emocional e social e, melhor desempenho acadêmico (TOMÉ *et al.*, 2017, p. 182).

Diante disso, esse cenário demonstra a necessidade de promover a saúde mental e o bem-estar dos alunos por meio de projetos que possam ser elaborados e implementados dentro do ambiente escolar. Para atingir esta finalidade, é fundamental a participação dos professores e outros profissionais da educação e saúde que trabalham nas escolas. Além disso, é essencial o desenvolvimento de projetos que promovam também a participação dos pais e de toda a comunidade educativa afim de tornar a escola um ambiente que promova o bem-estar e de prevenção à saúde mental dos adolescentes. Dessa maneira, as escolas poderão se tornar ambientes promotores de saúde mental e bem-estar se priorizarem o desenvolvimento de projetos e estratégias que envolvam a participação atuante de professores, pais, adolescentes e a comunidade (TOMÉ *et al.*, 2017).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A depressão é uma doença que tem afetado cada vez mais pessoas nos últimos anos e tem apresentado altos índices de ocorrência entre os adolescentes. Os fatores relacionados a doenças entre esse grupo podem envolver conflitos familiares, preocupações com relação ao futuro, relacionamentos afetivos e a pressão por conta da vida acadêmica. Desse modo, a doença é capaz de prejudicar os processos cognitivos, fazendo com que os adolescentes percam a concentração durante as aulas, afetando assim seu desempenho escolar. Alinhado a isso, está também o abuso de substâncias, isolamento social, redução do interesse pelos estudos e o risco de suicídio.

Dessa forma, os dados encontrados na literatura demonstraram que a visão dos alunos com depressão nem sempre é compreendida pelos professores e funcionários da escola, já que eles não são capazes de interpretar corretamente os sintomas, pois eles são mal interpretados como mau humor ou preguiça, e assim, acabam distorcendo ou desprezando os alunos com sintomas depressivos. Ademais, os professores estão em uma posição estratégica, pois os mesmos podem identificar sinais precoces de problemas mais específicos como ansiedade e depressão, porém, eles têm encontrado dificuldades para diferenciar os sintomas relacionados a problemas mais complexos, de uma simples tristeza ou dificuldades escolares como falta de concentração. Convém destacar que não é função do professor diagnosticar seus alunos, pois ele não possui qualificação e formação necessárias para atingir a esta finalidade. Assim, é necessário a implementação de programas de formação em saúde mental voltados para a capacitação dos profissionais da educação para que sejam capazes de identificar sintomas de depressão e ansiedade.

Desse modo, é possível constatar que a escola é um ambiente estratégico para se trabalhar políticas públicas na atenção à saúde mental, sendo possível dentro do ambiente escolar a criação de ações visando a prevenção e a promoção de saúde mental, assim como a geração de ações voltadas para a proteção e redução de riscos sobre esse tema. Portanto, a importância da atuação do educador somada aos conhecimentos de prevenção e promoção de saúde, podem se tornar ferramentas que contribuam para a saúde mental no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, E. B. de; ZWIRTES, M. **A depressão na adolescência**: refletida no ambiente escolar. MoEduCiTec, 2017. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/moeducitec/article/view/8393>. Acesso em: 10 set. 2022.
- BAPTISTA, M. N. *et al.* Sintomatologia depressiva, atenção sustentada e desempenho escolar em estudantes do ensino médio. **Psicologia escolar e educacional**, v. 10, p. 99-108, 2006.
- CARNEIRO, S. N. V. Atuação do profissional psicólogo: uma revisão sobre atendimentos virtuais durante a pandemia de Covid-19. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 6, n. 2, p. 17-28, 2021.
- CORTEZ, M. V. D. de M. **Depressão infantil no contexto escolar**: uma visão comportamental. 2005. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005.
- DAMIÃO, N. F. *et al.* Representações sociais da depressão no ensino médio: um estudo sobre duas capitais. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 114-124, 2011.
- ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. **Saúde mental na escola**: o que os educadores devem saber. São Paulo: Artmed, 2014.
- FARIA, N. C.; RODRIGUES, M. C. Promoção e prevenção em saúde mental na infância: implicações educacionais. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 51, p. 85-96, 2020.
- GALVÃO, J. de A. *et al.* A importância do psicólogo escolar na comunidade escolar: um estudo comparativo. **Integración Académica en Psicología**, v. 7, n. 19, p. 56-67, 2019.
- JATOBÁ, J. D.; BASTOS, O. Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, p. 171-179, 2007.
- OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 9, n. 3, p. 648-663, 2009.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: Artmed, 2013.
- SILVA, M. R. da. Depressão na estratégia de saúde da família. **Revista Interdisciplinar em Gestão, Educação, Tecnologia e Saúde-GETS**, v. 4, n. 1, 2021.
- SOUZA, S. C. de; RODRIGUES, T. M. Depressão infantil: considerações para professores da educação básica. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 34326-34338, 2020.
- THEODORO, C. C.; RICCI NETA, M. L. C. Depressão na esfera escolar: um relato de experiência sobre a perspectiva de alunos de ensino médio a respeito da depressão na escola. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 1, n. 1, 2020.
- TOMÉ, G. M. Q. *et al.* Promoção da saúde mental nas escolas: Projeto ES'COOL. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 8, n. 1, p. 173-184, 2017.